

REVIVER O PASSADO, SENTIR O PRESENTE E IMAGINAR O FUTURO: DESANGULAMENTOS AUTOETNOGRÁFICOS

*REVISITING THE PAST, FEELING THE PRESENT AND IMAGINING THE FUTURE:
AUTOETHNOGRAPHIC DEANGULATIONS*

Fabricio Tetsuya Parreira Ono

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, MS, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9126-7402>

Email: fabricio.ono@ufms.br

Recebido em 31 de janeiro de 2025

Aceito em 01 de abril de 2025

Resumo: Neste texto, retomo discussões teórico-metodológicas realizadas anteriormente com o fim de refletir sobre a autoetnografia nos dias de hoje, almejando aquecer e contrubuir para as discussões sobre o tema. Optei por apresentar um texto com nuances autoetnográficas alinhavadas com pressupostos teórico-filosóficos para encorpar os argumentos sobre o fazer autoetnográfico. Inicio a empreitada entrelaçando minha relação com a metodologia de pesquisa em questão e algumas críticas propagadas por veículos de imprensa sobre o tema. Em seguida, tento exercitar um “filosofar” sobre o movimento autoetnográfico, priorizando aquilo que entendo como algo *a priori* das investigações ancoradas na metodologia autoetnográfica. Avanço a discussão com conceitos e ou definições que podem dar suporte para que outros pesquisadores possam construir suas próprias definições sobre a metodologia de pesquisa autoetnográfica e, em seguida, proponho reflexões sobre o uso da primeira pessoa do singular em trabalhos científicos na área de Letras. Na sequência, recorro aos atravessamentos pelos quais podemos pensar a autoetnografia no contexto brasileiro por meio de pensamentos decoloniais e problematizações contemporâneas na área de Linguística Aplicada. Antes de finalizar, busco traçar um panorama atualizado das pesquisas autoetnográficas realizadas em universidades brasileiras e, também, reflexões sobre o movimento autoetnográfico em nosso país, salientando o papel das mulheres no fazer científico. Por fim, trago ponderações sobre o que e como foi realizado neste texto e proponho um exercício de reflexão para os leitores.

Palavras-chave: Autoetnografia. Linguística Aplicada. Decolonialidade

Abstract: In this text, I revisit previous theoretical and methodological works in order to reflect on autoethnography in contemporary times, aiming to stimulate and contribute to discussions on the topic. I chose to present a text with autoethnographic nuances aligned with theoretical and philosophical assumptions to strengthen arguments on autoethnographic practices. I begin the discussion by intertwining my relationship with the research methodology in question and some criticisms on the topic. Next, I attempt to exercise a “philosophizing” on the autoethnographic movement, prioritizing what I understand as prior to the investigations anchored in such perspectives. I advance the discussion with concepts and/or definitions that may contribute so that other researchers can construct their own definitions on autoethnographic research and, then, I propose reflections on the use of the first person singular in scientific works in the area of linguistic studies. Next, I turn to the intersections through which we can think about autoethnography in the Brazilian context considering decolonial thinking and contemporary problematizations in the field of Applied Linguistics. Before concluding, I seek to outline an updated overview of autoethnographic research conducted in Brazilian universities and also reflect on the autoethnographic movement in our country, highlighting the role of women in scientific work. Finally, I will offer considerations on what and how was done in this text and propose a reflection exercise for readers.

Keywords: Autoethnography. Applied Linguistics. Decoloniality

EPIÍGRAFE

E, por causa da sua palavra, muitos outros creram.
João 4:41

UMA CONFISSÃO

Escolhi começar este diálogo em um tom confessional (Adams, Ellis e Jones, 2015; Ono, 2017), pois não imaginava, mas talvez desejasse, de modo inconsciente, escrever um texto sobre uma temática que comecei a estudar há mais de uma década - a autoetnografia. Tudo isso tem a ver com o fato de que quando lia textos de pesquisadores se (re)lendo e se (re)posicionando, achava que era algo grandioso e fantástico - os escolhidos haviam sido canonizados. Mas era tudo fantasia, ingenuidade na imaginação de um pretendo pesquisador lá no início dos anos 2000 (não tinha nem feito trinta anos naquela época) além da insegurança de se ver como periférico, não pertencente ou não merecedor de conviver no “centro”. Afinal, eu cresci no interior do país, num estado no qual muita gente ainda diz que convivemos com onças e jacarés na porta de nossas casas (até queria me delongar aqui e discutir sobre pesquisadores em universidades tidas como “periféricas” ou de menos prestígio, mas deixarei para outra oportunidade).

Naquele tempo, gozando a minha jovialidade, não me preocupava com a maturidade ou em envelhecer. Consequentemente, meus pensamentos focavam no dever e me esquecia de que seria “eternamente responsável” pelas minhas pesquisas anteriores - algo inerente ao fazer de um pesquisador. Assim, numa tentativa de olhar para trás, sentir o presente e imaginar o futuro, inicio este texto, sem os medos, inseguranças e fantasias de quando ainda era jovem. Hoje, um pouco mais confiante e ainda cheio de dúvidas na turbulência e incertezas de um sujeito com quase cinquenta anos.

Quando escrevi minha primeira pesquisa autoetnográfica, uma tese para que eu obtivesse o título de doutor, acabei não apreendendo o que foi dito por Bochner (2013) - a autoetnografia acaba se tornando um “way of live”, um jeito de ser e estar no e com o mundo, como analogamente disse Freire quando discutia sobre educação (1991). Embora tenha começado a fazer (termo comum na literatura em língua inglesa doing autoethnography) ou me aventurar pela autoetnografia em 2013, com prefiro dizer, foi

apenas em 2017 que ela ficou disponível para o mundo em forma de tese, o que para mim gerava apenas uma sensação de missão acadêmica cumprida, um título conquistado. À época, eu sabia da possibilidade de pessoas lerem o trabalho, fosse com a intenção de me desmerecer (como muitas vezes me senti na academia), pela curiosidade ou apenas para cumprir uma tarefa acadêmica. Porém, não imaginava que o termo ficaria colado em mim como tatuagem na testa, se transformaria e ganharia mais força a cada ano que se passou até o momento desta escrita, por isso, quando retomo o que registrei em palavras escritas naquele momento, compreendo que não tinha dimensão de quantas pessoas iriam me dizer que leram a tese, ciente de que não teria domínio daquilo que consegui expressar pela escrita, apenas suspeitei e registrei da seguinte forma:

Daqui em diante, não terei domínio sobre nada disso, esta pesquisa apresentada em forma de texto escrito poderá ser recebida com ou sem hospitalidade, poderá ser interpretada de variadas formas nos mais diversos contextos, mas eu não estarei lá e nem serei mais o mesmo que escreveu o texto no momento em que ele for lido. (Ono, 2017, p.148)

Desde então, recebi muitas mensagens do tipo: “Oi, estou lendo sua tese” ou “Usei sua tese como referência”. No entanto, o interesse não é a minha tese, mas a estratégia metodológica utilizada dada a necessidade de (re)pensarmos o humano nas ciências humanas, como sugeriu Dosse (2003) ou/e trazermos à baila outras possibilidades onto epistemológicas para nossas discussões, seja por uma perspectiva amparada nos pensamentos pós-coloniais, como sugeriu Pathak (2013), decoloniais ou anticolonianais nas pesquisas realizadas em uma “atualidade” sombria e amedrontadora nos diversos campos das nossas sociedades. Embora tal abordagem metodológica seja alvo de muitas críticas, como se fosse um exercício egóico ou narcísico, como amplamente divulgado pela rede de notícias BBC (2017), que jocosamente nomeou a autoetnografia como “selfie acadêmica” ou, mais recentemente, um artigo de opinião publicado na Revista Fórum e assinado por Rodrigo Pérez:

um gênero textual conhecido como “autoetnografia”, onde “pessoas não binárias” narram suas próprias experiências de socialização (há diversos relatos de experiências sexuais, muitas vezes legitimados como dissertações de mestrado e teses de doutorado). A narrativa em primeira pessoa é fetichizada a partir da premissa de que somente o oprimido pode falar sobre si mesmo. A relação de exterioridade recíproca entre sujeito e objeto não apenas deixa de fazer sentido como deveria ser abolida, considerada um valor politicamente negativo defendido apenas pelos “reacionários”. (Perez, 2024)

Assim diante da responsabilidade sobre aquilo que já disse ou publiquei, meus incômodos e questionamentos diários, tento aqui fazer um exercício ontoepistemológico atravessado pelo desejo de clarificar, questionar e dialogar no cenário atual sobre tal metodologia de modo mais maduro, problematizando, (re)lendo e (re)vendo o que já é passado, dando vazão para outras aprendizagens e escolhas que venho me permitindo há algum tempo, o que chamo de desdobramentos provocados pelo desangulamento autoetnográfico (discutirei o termo mais adiante). Ao longo desta aventura, pretendo contribuir para que pesquisadores construam suas “definições” de autoetnografia, discuto e problematizo o “fazer autoetnográfico”, trago um panorama brasileiro atualizado na área da linguística aplicada em diálogo com pensamentos decoloniais e conjecturas de um eu, que não é mais aquele Ono (2017) e que não será mais o mesmo quando este texto alcançar quem estiver lendo neste momento.

LITURGIA DA PALAVRA

Uma das perguntas que povoam a cabeça de muitos é: O que é autoetnografia? Ou, para os mais “céticos”, a premissa de que autoetnografia é “acientífica”, um modismo ou algo incipiente, mas se pela palavra Deus criou o mundo, por que não podemos criar outras possibilidades no campo dos estudos e pesquisas na área de Letras e Linguística? Por isso, prefiro me apegar ao livro Gênesis 1:3 (Bíblia, 2015, p. “E disse Deus: Haja luz; e houve luz”.

Sim, eu sei que não somos Deus, mas somos estudiosos da palavra, da linguagem, dos modos de comunicação, da educação e da formação de professores e, por isso, precisamos “empreender” (termo neoliberal utilizado de propósito) para que a água em pedra dura bata até que fure, nos lembrando dos ensinamentos de Heráclito: “a mesma água nunca passa duas vezes debaixo da mesma ponte”. Se temos uma crise ambiental iminente, analogamente temos uma crise no fazer científico de diversas áreas, temos uma crise nas relações entre cientistas, temos uma crise no trato de nossas vidas cotidianas, nos modos como lidamos com práticas sociais encharcadas por tecnologias digitais, uma crise do viver e do bem-viver.

Como formador de professores, eu me preocupo em prepará-los para o futuro, para o incerto, vislumbrando o devir. Porém, em alguns momentos, me sinto o tiozão

da turma, aquele sujeito meia-idade que vai em uma festa universitária, um professor envelhecido, com referências que não fazem sentido para os que estão comigo na sala de aula e acabo experienciando a crise da práxis, um impotente, quase sem maestria para articular meu objeto de pesquisa e estudo - a linguagem, na promoção de um ensino e aprendizagem significativo, capaz de oportunizar experiências para que os futuros professores possam “comungar” ou suplementar saberes comigo na formação inicial, me aproximo dos pensamentos de Žižek (2016) sobre o sujeito incômodo, um vazio.

Tenho a sensação de estar em um grupo de *Whatsapp* (aplicativo de troca de mensagens) onde há uma profusão de informações, de membros querendo ratificar seus feitos, desconexões, exibicionismo, carência afetiva e pouca troca “verdadeira” e munida de afeto- comungamos do mesmo espaço, às vezes de “hóstias” similares, mas estamos atravessados, em alguns ou muitos casos, por práticas *nonsense* para a contemporaneidade, ingênuas, soberbas ou apenas indo no *flow*.

Por isso, antes de qualquer tentativa ousada de discutir/definir ou elencar os princípios que regem a autoetnografia, sinto a necessidade de dizer que para iniciar este diálogo, temos que nos olhar, olhar para o que possivelmente não tínhamos a intenção de ver talvez, como numa sessão de psicanálise, na qual temos que deixar vir à tona aquilo que está nos esconderijos de nós mesmos, aquilo que é melhor ser evitado, seja lá qual for a razão ou a emoção. Só assim, para mim, é possível pensar em um fazer autoetnográfico, ou seja, é a priori um exercício de si, caso contrário, a máxima propagada pela matéria da BBC (2024) se torna um axioma e a pesquisa se torna apenas uma *selfie* acadêmica, uma ferramenta utilitária para massagear o ego ou embelezar o narcísico que habita em cada um de nós. Digo isso baseado na minha experiência com a autoetnografia, cuja “consciência” só veio anos depois, na compreensão de que foi e ainda é um exercício no qual eu posso realizar uma demolição (pessoal e profissional para colocar em caixas) para a re-construção, uma tentativa de me reconhecer, me olhar e aceitar antes de mais nada.

Então, acredito, que ao me ver, antes de qualquer movimento autoetnográfico, é preciso uma certa “consciência de si”, ver-se desnudo no espelho de si mesmo, distante das imagens ideais de si, senão as críticas embasadas em uma autopromoção de si mesmo farão sentido e esvaziarão as tentativas de uma fazer

científico de re-existência e anticolonial. Mas por que digo isso? Se há de fato um uso para autoetnografia, minha experiência me leva a pensar que esse uso, homeopático ou compulsivo, reverbera nas diversas camadas que me constituem, seja como pesquisador, formador de professores, filho, irmão, amigo, amante etc. E, conseqüentemente, não é um exercício egocêntrico, é um dever para se reconhecer que, como diz Freire (1987, p. 128): “no fundo, não é falando que eu aprendo a falar, mas escutando que eu aprendo a falar”

Mas escutar a quem? Não apenas a mim mesmo, não somente aqueles que compartilham de posicionamentos similares aos meus, como já disse em um trabalho anterior (Ono, 2017), mas como educador, como sujeito assujeitado nesse mundo caótico, estar disponível, uma disponibilidade ética, como nos ensina Levinas (2014) ao discorrer sobre a ética da alteridade, em um tempo no qual há uma recorrência do uso dos termos cidadania, justiça social, acolhimento etc. Se não escutarmos aqueles para além de nossas bolhas de afinidade, classe social, gênero, cor, raça, credo, posicionamento político etc, não teremos disponibilidade para ser e estar com Outro e ser e estar no mundo de modo comunal, como incansavelmente dito pelos quatro cantos quando nos referimos à Freire.

Por isso, compreendo que antes de ser útil, a autoetnografia é um dispositivo, um dispositivo filosófico, nos termos de Foucault, pelo qual é possível exercitar uma certa subjetivação como prática de liberdade (Freire, 1991) por meio das experiências que ocorrem e escorrem para além das bordas. Nesta esteira, esclareço me ancoro nas palavras de Deleuze para pensar sobre dispositivo, em sua introdução à obra de Foucault dedicada ao tema, ao dizer:

Os dispositivos têm, então, como componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura que se entrecruzam e se misturam, enquanto umas suscitam, através de variações ou mesmo mutações de disposição. (Deleuze, 1990, p.157)

Ratificando assim que o universal não é capaz de explicar nada e sim é o que deve ser explicado, dando outro sentido para o fazer científico, nos afastando da indignação de Linda Tuhiwai Smith (2018) ao problematizar a pesquisa na perspectiva de povos originários, expressada da seguinte forma: “A palavra “pesquisa”, em si, é provavelmente uma das mais sujas do mundo vocabular indígena. quando

mencionada em diversos contextos, provoca silêncio, evoca memórias ruins, desperta um sorriso de conhecimento e de desconfiança”. Assim, para que não cometamos um pecado e não caiamos na cilada de promover/alimenta um fazer científico perigoso e deletério, entendo que é pela singularidade e particularidade que a autoetnografia consiste em um potente dispositivo de ruptura que alimenta uma possível quebra de paradigmas.

Também, concordo com Rossi (2007) ao advogar por uma ciência que veja em qualquer lugar uma possibilidade de transformação. E proponho pensar sobre as seguintes questões: “A destruição é parteira da construção”, como nos diz Badiou (2017, p.59), mas que destruição seria esta que nos possibilitaria construir algo? Seria uma destruição das edificações que nos constituem ou um viver nas ruínas como diz Tsing (2019)? Seria mesmo necessário uma destruição ou apenas um rompimento ou detenção para “retroativamente reverter a categoria do “novo” que parece ter sobrevivido inato, coetâneo do real e, como desfazer sua facticidade nos estudos e na pesquisa acadêmica” como propõe Azoulay (2024, p.45) sobre a ideia do novo/novidade como uma violência?

A partir desses questionamentos, acredito que possam se abrir diálogos futuros para pensar o fazer científico na linguística aplicada, levando em consideração a singularidade e a subjetividade da experiência com a metodologia, quando legítima e/ou genuína para além da alimentação de demandas neoliberais ou produtivistas, precisa ser um ato político que possibilite romper, provocar e incomodar práticas utilizadas em larga escala, muitas vezes “imperiais” e universais, amparado pelos pensamentos de Rancière (1996, p. 74) ao dizer que “ A invenção política opera atos que são ao mesmo tempo argumentativos e poéticos, golpes de força que abrem e reabrem tantas vezes quantas for necessário os mundos nos quais esses atos de comunidade são atos de comunidade.

E, antes de começar a dialogar sobre as definições da autoetnografia, acrescento os pensamentos Adams e Hermann¹:

Os efeitos de vários movimentos filosóficos contribuíram para o aumento do uso e desenvolvimento da autoetnografia também. Estes incluem o reconhecimento das formas como as identidades pessoais/culturais moldam a percepção e a experiência (por exemplo, “o pessoal

¹ Todas as traduções de textos publicados em língua estrangeiras foram feitas pelo autor.

é político”); a importância da narrativa e da contação de histórias; a “crise de representação”, particularmente como a pesquisa social, especialmente a etnografia, nunca é neutra ou objetiva; a maior atenção à emoção; a necessidade de abordar e remediar violações éticas em pesquisa; a demanda por textos acadêmicos mais acessíveis; e a compreensão de que discurso, poder e ser “sujeitado” são fenômenos inter-relacionados. (Adams e Hermann, 2020, p.2)

Diante do que foi exposto, é uma tarefa arriscada e complexa pensar em trazer uma definição universal ou generalizada para “enquadrar” ou “enlatar” a autoetnografia nesta discussão - seria uma blasfêmia.

SALMO RESPONSORIAL? FAZER AUTOETNOGRÁFICO

Quais caminhos ou pressupostos podemos seguir para desenhar propostas de pesquisa autoetnográficas na linguística aplicada? Considerando as polarizações, instabilidades e os amendontramentos do cenário mundial e nacional, assim como a necessidade de refletir, problematizar, quais alternativas podem colocar a linguagem no centro das discussões e dar mais visibilidade para as pesquisas e pesquisadores da área por meio de práticas autetnográficas? De que modo as pesquisas autoetnográficas podem contribuir para “trazer o corpo de volta” e, também, provocar a expansão de pensamentos anti, pós ou decoloniais para fortalecer re-existências e saberes “excluídos” ou apagados?

Não tenho dúvidas de que precisaria escrever pelo menos umas duas ou três outras teses a partir dos questionamentos que elenquei acima. Porém, trarei a seguir algumas definições que poderão amparar os interessados em se aventurar em pesquisas autoetnográficas por meio de postulados de outros cientistas dos quais me aproximo ou me identifico com seus pensamentos. Inicialmente, reconheço que “a autoetnografia requer trabalhar na intersecção da autobiografia e etnografia”, assim conforme orientam Adam, Ellis e Jones (2017, p. 2), que complementam este pensamento com a seguinte justificativa: “os princípios e as práticas da autobiografia e da etnografia contribuem para a forma como escrevemos e praticamos a autoetnografia, bem como para os objetivos e propósitos que temos para o trabalho autoetnográfico”.

Nesta toada, partindo da provação de Certeau (2014, p.32) sobre a invenção do cotidiano, ao afirmar que “estamos em tempos construídos pelo discurso, mas que são tempos quebrados e claudicantes, no qual acabamos submetidos a “servidões” e

a dependências, o tempo da teoria é de fato um tempo ligado ao improvável, aos fracassos, aos desvios, portanto descolado por seu outro". Ainda, adiciono as proposições de Gale e Wyt (2018, p. 567) sobre a prática autoetnográfica, entendidas "como montagens e desmontagens de corpos que atuam na sempre territorialização do espaço e na construção do mundo", práticas capazes de "afetar e ser afetados e, portanto, como práticas performáticas e performativas, eles agem e recebem a ação." Os mesmos autores ainda afirmam que tais práticas estão "sempre mudando, sempre sobre movimento, intensidade e potencialidade; ele nunca reside, ele vive na criação do próximo momento, a próxima etapa para o ainda não conhecido".

Portanto, retomo o que disse em 2017, "não há uma fórmula mágica ou um procedimento padrão no fazer autoetnográfico" (Ono, 2017, p. 45). Hoje, entendo que acima de tudo, a prática autoetnográfica é um ato político de re-existência na confluência de desejos para romper comportamentos aristocráticos e coloniais, atos que corroboram para reinventemos nossos cotidianos, para que possamos transgredir "as grandes divisões entre práticas e teorias que a ciência inventa" tendo em mente que "uma epistemologia elabora-se no decorrer do seu processo, mas de uma forma experimental. Situa-se em ruptura com a tradição positivista", como propôs Dosse (2018, p. 463). A prática autoetnográfica, para mim, também se configura por uma oportunidade de "dar a ver aquilo que não encontrava um lugar para ser visto e permitir escutar como discurso aquilo que só era percebido como ruído", como afirmou Rancière (1996, p.53) sobre o ato político.

Imagino que durante esta leitura, pode ter havido o desejo de que eu respondesse ou explicitasse de modo mais formal ou enquadrado o que é de fato a autoetnografia. Contudo, seria incongruente tal feita quando me amparo nos pensamentos de Gale e Wyatt (2018, p. 567) ao elencar dois movimentos para a prática autoetnográfica:

- 1) ter alegria em nossas digressões, que nos convidam para "o risco de um brotar desviante" e ficar "tão preso no fluxo de ... escrita que em alguns momentos deixa de ser reconhecível ... como seu."
- 2) encorajar a formação de parentesco humano e não humano, abordagens interessantes para formas novas e estimulantes de conceituação do que é um evento e o incentivo à incursões no inesperado e a excitação para aquilo que ainda não conhecido.

Acrescido a tudo que foi dito até aqui, é indispensável um pensar atravessado

pelo sul global, ainda refém de políticas acadêmicas rançosas, amparado por modelos eurocêntricos e coloniais, por meio de atos que contrariem ou se esquivem do bovarismo brasileiro, de acordo com Kehl (2018,p.31) “consiste em nos tomarmos sempre por não brasileiros (portugueses no século XVIII, ingleses ou franceses no século XIX, norte-americanos no XX)” e, assim, possamos exercitar e praticar desobediências epistêmicas (Quijano, 1992) por meio de ações que sejam uma “bricolagem barroca e subversiva” (Cusicanqui, 2015, p. 293) e, “dando abertura para transgredir as fronteiras disciplinares tradicionais” (Dosse, 2003, p.460). Mais especificamente na Linguística Aplicada, possamos confluir para os pensamentos de Pennycook (2006, p. 70), ao propor uma prática transgressiva, ou seja, fazer uso de uma “abordagem transgressora das fronteiras do pensamento e da política dominantes, mantendo um ceticismo constante em relação a conceitos e modos de pensamento apreciados”.

ATO PENITENCIAL: O PECADO DA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR

Eu não pretendia mais discutir sobre o uso da primeira pessoa do singular em trabalhos acadêmicos, mas vejo que ainda é necessário voltar a esta discussão, principalmente para fortalecer pesquisas autoetnográficas. Em 2013, quando iniciei minha aventura sobre o fazer autoetnográfico, escrever trabalhos científicos usando a primeira pessoa do singular era mais desafiador do que nos dias de hoje, embora tenhamos diversos relatos de discordâncias, “puxões de orelha” e desestabilização da saúde mental causados pelo uso da famigerada “primeira do singular” na ciência.

Deste modo, contemplo nesta discussão os pensamentos de Carmagnani (2010), membro da minha banca de qualificação e defesa de doutorado, porém nunca se auto citou nas arguições (ato nobre para mim) e seu texto de 2010, o qual só tive acesso por volta de 2020, texto em que pesquisadora acende os holofotes sobre a escrita, a criatividade autoral e necessidade de nos desprendermos de modelos já estabelecidos, ao se ancorar nos pensamentos de Foucault, argumenta sobre a singularidade e a criatividade textual na academia a fim de evitar a repetição e de modelos e análise e que possam promover um deslocamento do sujeito e é a escrita um arma para “recusar a imobilidade” e ativar a “possibilidade do autor criar-se e recriar-se” (Carmagnani, 2010, p.67).

Pecar na academia pode ser o fim para alguns, um renascimento/ressurreição ou a confirmação de que Deus está morto, conforme Nietzsche (2012), para os outros. Para além do ato simbólico ou da escolha da primeira pessoa do singular, é preponderante enxergar que há um sujeito ali, uma pessoa, um/a pesquisador/a que não tenta se esconder ou se ancorar apenas nos pensamentos canonizados ou alheios, que possa se deslocar e viver o incômodo. No entanto, tenho a impressão de que temos que nos justificar o tempo todo quando escolhemos/decidimos optar pelo uso do EU em um texto científico para amenizar os ataques e invalidações dos “tradicionalistas”. Isto é cansativo! Por isso, acho que precisamos fortalecer ainda mais os ensinamentos de Carolina Maria de Jesus, que sabiamente nos disse: “Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre [...] Eu escrevi a realidade.” (Jesus, 1960 [2014], p.29).

E, para além do pecado da escrita em primeira pessoa, afirmo que o processo de redação de um texto autoetnográfico é o maior obstáculo para um pesquisador, porque é nele que reside toda a trama, toda a tessitura e o estabelecimento do tom da pesquisa em contraposição com escritas do tipo: “espera-se que com esta investigação ou compreendemos a importância em trabalhos assinados por um único sujeito e ultrapassa os modelos estabelecidos”, como por exemplo, confessou Mulik (2020, p. 8) após seu exame de qualificação em uma conversa que teve comigo inferindo que: “nunca devemos nos comparar com outros, mas sim com nós mesmos”, retratando a necessidade que temos da busca por modelos ou “templates”, fato ordinário no cotidiano acadêmico brasileiro.

Outros exemplos que apresentam justificativas para o uso da primeira pessoa, mas encontram alternativas para desenvolver o texto, podem ser observados no trabalho de Bezerra (2019), Merlo (2022) e Magalhães (2023), conforme os excertos a seguir:

De modo geral, escrevo minhas narrativas e percepções em 1ª pessoa do singular, mas você pode notar que também uso a 1ª pessoa do plural. Algumas vezes, assim faço para referir-me a você e a mim; em outras, para referir-me a meus orientadores e eu, ou ainda, por entender que esta tese é uma construção coletiva. Em outros momentos, o uso de 3ª pessoa reflete resquícios de uma tentativa de escrita descorporificada, da qual tento me desvencilhar, mas que nem sempre consigo. (Merlo, 2022, p. 21)

Embora esta pesquisa seja uma autoetnografia, escrita na primeira pessoa do singular, há momentos no texto em que opto pelo uso da terceira pessoa do plural. Essa escolha linguística não é aleatória, mas uma estratégia para destacar a presença e a participação de outras pessoas na ação que descrevo. Utilizo esse recurso para enfatizar que, embora a narrativa seja contada a partir da minha perspectiva, ela é moldada pelas minhas interações com os outros (Magalhães, 2023, p. 19)

(...) tendo em vista que a escrita também tem um caráter processual e pessoal, a LA dá espaço para que este trabalho possa ser escrito em primeira pessoa do singular, o que mostra também um pouco de quem eu sou. (Bezerra, 2019, p. 21)

Além disso, o processo de escrita é um dos catalisadores daquilo que nomeio como desangulamentos autoetnográficos, exigindo uma entrega, uma nudez daquele que escreve. Por outro lado, permite um alívio que “surge quando se ancora na possibilidade de entender a escrita como um processo de aprendizagem, aliada à visão social” (Ono, 2017, p. 54). Torna-se uma “busca de trazer as diferenças entre o geral e o específico, uma aposta no entendimento do mim para estar e ser no mundo, um esforço em me expor pelo texto” e impulsiona “emoções, sentimentos e quiçá um pensamento criativo”. (Ono, 2017, p.57) ou como disse Magalhães (2023, p.79): “processo de reflexão crítica, teorização e escrita pode ser curativo”.

Por isso, talvez, os dias que tenho coragem, retomo partes do que escrevi na tese ou às vezes me deparo com alguns pesquisadores citando algo que está lá e me assusto ao ponto de pensar: fui eu que escrevi isso? E se pudesse voltar no tempo, teria mais confiança e repertório e faria algumas coisas de outra forma, mas isso não é mais um problema e nem uma possibilidade para mim. Tive que entender a escrita como parte de mim, uma constituição de mim mesmo por meio da qual preciso ser e estar no e como o mundo quando digito as palavras, sendo sincero e sem fugir das minhas emoções, afetos e responsabilidade.

PROFISSÃO DE FÉ E PREPARAÇÃO DO ALTAR

Na seara da Linguística Aplicada, um dos objetivos deste dossiê, pensar a plausibilidade da autetnografia é condição *sine qua non* para o diálogo. Afinal, numa sociedade cansada, como propõe Han, com as ciências da linguagem humana sem muito prestígio nas sociedades e a euforia causada pelas ferramentas de Inteligência Artificial, há uma exigência de (re)posicionar a linguagem no centro das discussões de modo mais abrangente, menos idealista, estruturalista ou magnânima em seu pedestal enferrujado. Haja vista o papel essencial da linguística na construção de

ferramentas de Inteligência Artificial e o papel fundamental da Linguística Aplicada nas investigações das relações entre o humano e a máquina, por exemplo.

Deste modo, retomo o que questionei em um trabalho apresentado no Congresso Latino Americano de Formação de Professores (Ono, 2024): Depois da excitação causada pelos trabalhos de Multiletramentos, em alguns casos tomado pela ilusão de que as ferramentas digitais poderiam salvar o mundo e a educação ou serem recebidas e interpretadas com uma certa ingenuidade, como iremos lidar com a formação de professores de línguas ou com o ensino e aprendizagem de línguas pensando o futuro?

É inegável que as tecnologias digitais são um grande aparato para as sociedades, mas acredite que chegamos em um momento que estamos literalmente cansados, perdidos, manipulados, dominados, tecno colonizados e, talvez, “chovendo no molhado”. Além do fato de que (...) todas as fontes parecem iguais nas redes sociais (James, 2019, p.234), o que leva a uma “nova” onda, no sentido violento discutido por Azoulay (2024) de que estamos fazendo “mais do mesmo” ou não estamos conseguindo produzir como deveríamos. Por isso, a minha fé (hoje) é que nas aberturas proporcionadas pela autoetnografia, na qual precisamos estar disponíveis para o desconhecido e exercitar o binômio sujeito/objeto, encontram-se alternativas e escapes para pensarmos em soluções para a contemporaneidade, ou seja, um exercício complexo para profissionais e cientistas da linguagem, em um mundo em ruínas, algo que “Nem sempre é bonito, mas é quem somos e o que temos disponível como parceria para uma terra habitável” (Tsing, 2019, p. 23).

Nesta perspectiva e convergindo meus pensamentos para o lugar no qual atuo - formação de professores e ensino de língua inglesa e, em favor da autoetnografia, como dispositivo, escolhi (dentre outras temáticas) problematizar as limitações e os “efeitos colaterais” causada pelas tecnologias digitais, principalmente no que se refere às interpretações dos estudos de multiletramentos ainda ingênuas e deslumbradas. Embora eu compactue com o pensamento Souza, que diz:

[...] dadas as atuais tecnologias e meios de comunicação que permitem maior proximidade, comunicação e mobilidade através das fronteiras nacionais que agora se tornaram mais porosas, a força homogeneizadora dessas fronteiras nacionais, que antes isoladas e protegidas pelo domínio interno das elites nacionais, torna-se reduzido. (Souza, 2016, p. 273)

Concordo, também, quando o mesmo pesquisador alerta sobre os perigos

trazidos pelos “fluxos globais incessantes de recursos, textos, informações e pessoas”, mas que “ embora tais fluxos pareçam à primeira vista ser irrestritos e abertos a todos igualmente, na verdade isso pode não ocorrer”. Como apresentado por Ferraz e Mello (2023) na discussão sobre influenciadores digitais e redes sociais como Instagram e *Tik Tok*, que fortalecem a produção pela reprodução e uma certa homogeneização de comportamentos e desejos conforme a faixa etária e classe social, independentemente do grau de escolaridade. Por isso, enfatizo os pensamentos de Leander e Boldt (2023), em um texto no qual os pesquisadores também tecem crítica aos Multiletramentos, no qual se preocupam com o enquadramento das identidades e das práticas de letramentos em um paradigma conceitual de dominação, ratificando a imprevisibilidade das relações e conexões por meio de signos, objetos corpos, que carregam emoções e afetos, e propõem que:

(...) na compreensão das práticas humanas como objeto de conhecimento ou mercadoria no sistema de pesquisa e ensino (...) sempre haverá o clamor do incongruente e nossa incapacidade de dominar a ambiguidade ou projetar o futuro por meio de apelos à competência e autoridade. Há, ao mesmo tempo, o potencial poderoso nas constantes mudanças e, de pensar nos modos como a pesquisa e a pedagogia podem se construir a partir de seus próprios elementos para emergir em um voo improvisado. (Leander e Boldt, 2023, p. 44)

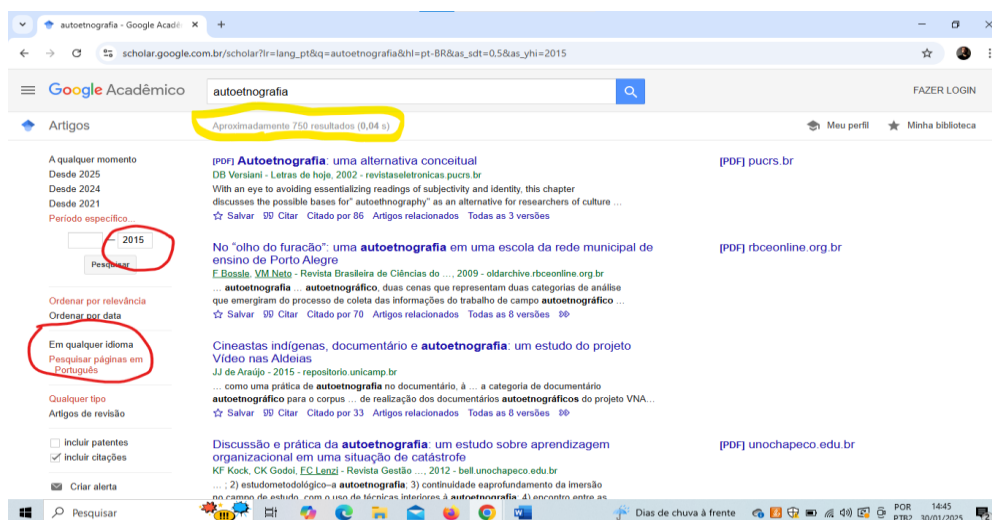
Portanto, acredito nas investigações autoetnográficas pelas chances de trazer o corpo de volta, conforme Souza e Duboc (2021) propuseram para pensarmos as práticas decoloniais em favor de um afastamento de “universalizações”. Pelo resgate da subjetividade para além da razão em oposição ao cogito cartesiano. E, questiono: Quais as experiências, sentimentos e afetos são potencializados ou não com a proibição de celulares nas escolas? Puxar fios soltos das nossas subjetividades para além daquilo que é visível, calculável, mensurado e agir à partir das limitações das ferramentas digitais e da inteligência artificial, concordando com Adams (2025, p.1): “As tecnologias de IA não podem prever como seres corporificados, emocionais, relacionais, reflexivos e criadores de significado experimentam e interagem ao conhecer pessoas, lugares e situações”. Portanto, para além das ferramentas digitais e de nosso encantamento com elas, não podemos nos esquecer do que elas não são capazes de fazer.

CANTO DE ACLAMAÇÃO: O CENÁRIO AUTOETNOGRÁFICO NO BRASIL

Desde que minha tese tomou seu lugar no repositório da instituição onde estudei, tive a oportunidade de transitar em diversos contextos brasileiros como membro examinador de qualificações e defesas de mestrado ou doutorado de trabalhos autoetnográficos, que começaram a aumentar exponencialmente nos estudos da linguagem e formação de professores de línguas no país.

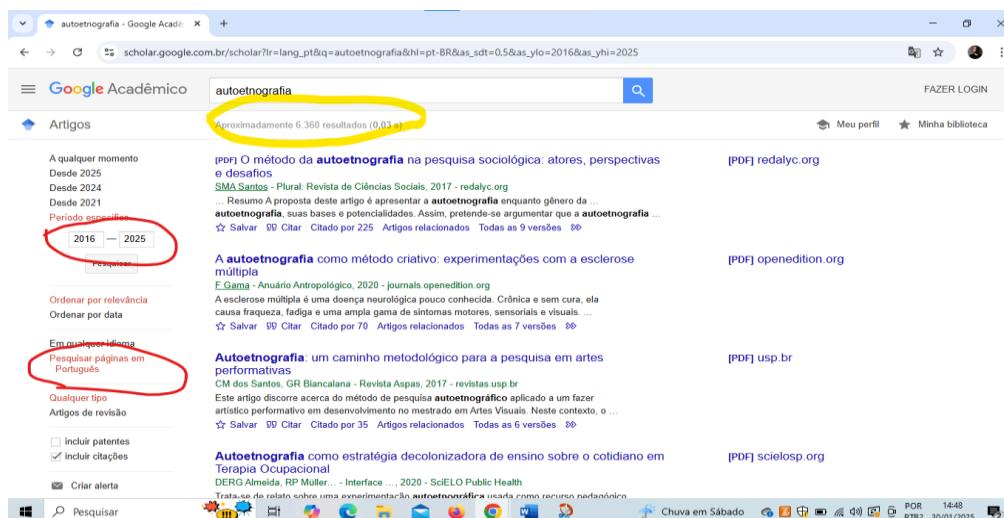
Além disso, pude dialogar com pesquisadores de diversas áreas nas quais a Autoetnografia também tem ganhado espaço, seja nos estudos de farmácia, medicina ou educação física, por exemplo. Até 2015, havia apenas 750 resultados (Figura 1) na busca feita no Google Acadêmico pelo termo autoetnografia com filtro refinado para trabalhos em língua portuguesa e, em janeiro de 2024, há uma recorrência de 6.630 trabalhos que mencionam o termo (Figura 2). Vale ressaltar que as buscas não foram feitas considerando apenas trabalhos autoetnográficos, mas todos os que apresentam o termo.

Fig. 1



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor de busca feita no Google Acadêmico em 30/01/2025

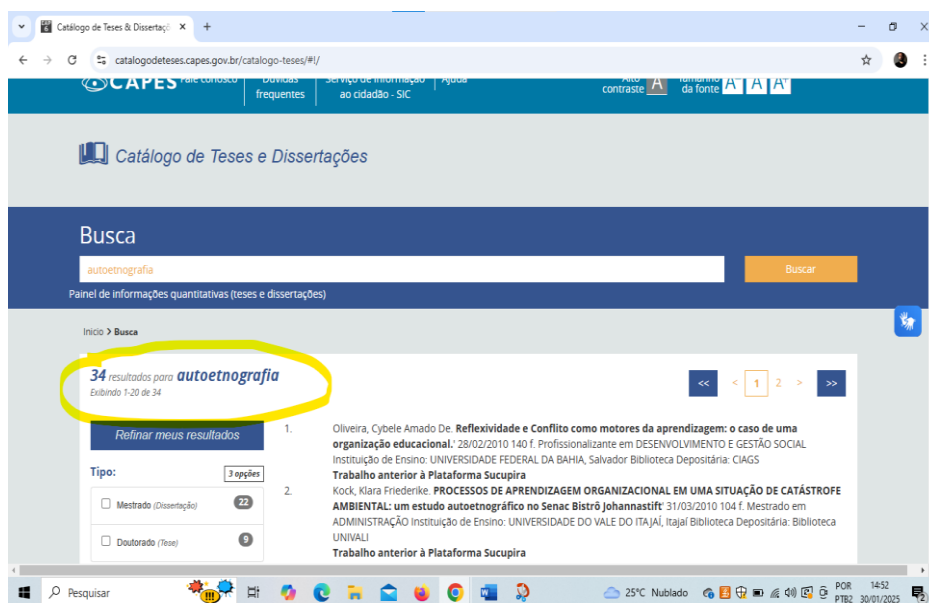
Fig. 2



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor de busca feita no Google Acadêmico em 30/01/2025

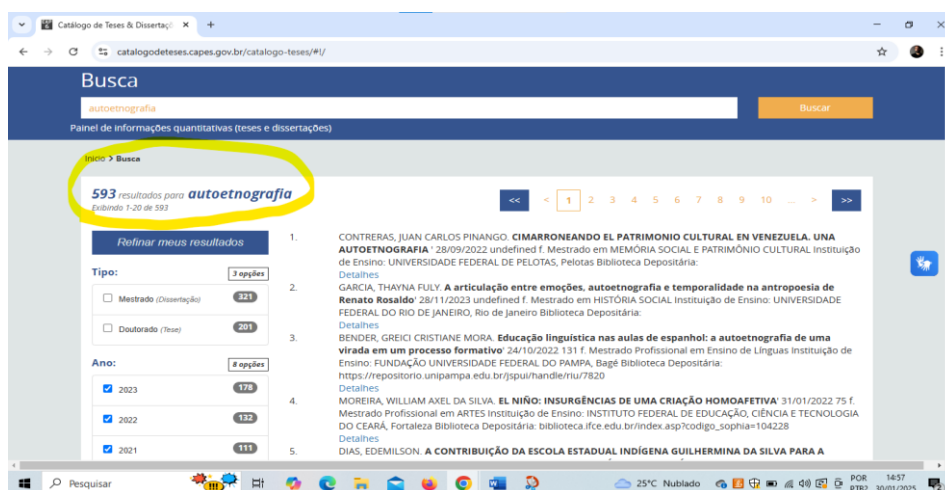
No repositório de teses e dissertações da CAPES, até 2015, há 34 trabalhos listados, 22 dissertações, 09 teses e 03 profissionalizantes (Figura 3) considerando todas as áreas do conhecimento. Entre 2016 e 2024, no mesmo repositório, os números sobe exponencialmente para 593, sendo 382 dissertações, 201 teses (Figura 4) que contém o termo autoetnografia.

Fig. 3



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor após busca no Catálogo de teses da CAPES em 30/01/2025

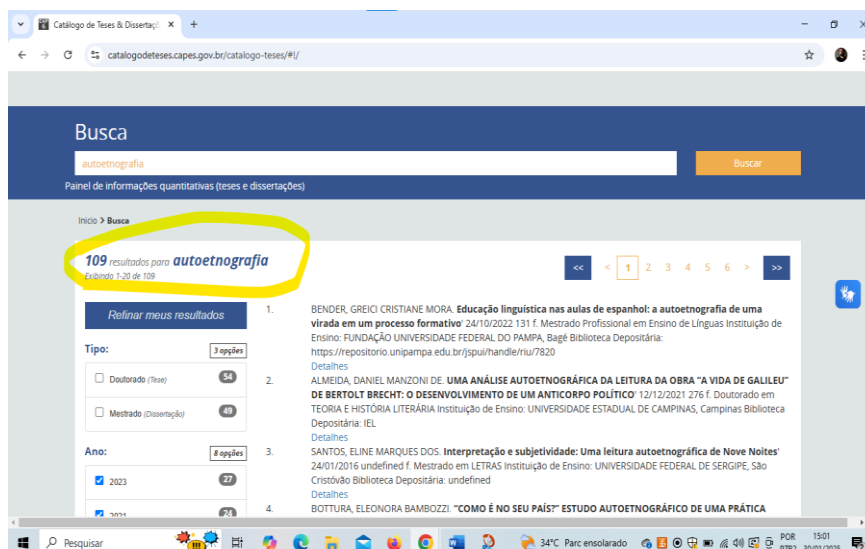
Fig. 4



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor após busca no Catálogo de teses da CAPES em 30/01/2025

Quando o filtro selecionado é a grande área Letras, Linguística e Linguística Aplicada, o resultado é de 109 trabalhos (Figura 5), 54 teses e 55 dissertações (acadêmicas e profissionais), enquanto no período anterior a 2016, o número de trabalhos que mencionam o termo autoetnografia era de 02 pesquisas na grande área.

Fig. 5



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor após busca no Catálogo de teses da CAPES em 30/01/2025

Além disso, na área de linguística aplicada, percebo uma recorrência de trabalhos de mulheres pesquisadoras, tais como os trabalhos de: Rocha (2024),

Magalhães (2023), Merlo (2022), Agra (2021), Mulik (2021), Mendonça (2021), Fadini (2020) e Bezerra (2019). Nestas autoetnografias, o papel da mulher nas nossas sociedades patriarcais ganha força para desestabilizar e sensibilizar padrões ou estereótipos arraigados em nossas ontoepistemologias.

Na toada autoetnográfica, toquei meu projeto de estágio pós-doutoral, supervisionado pelo Professor Daniel Ferraz, na Universidade de São Paulo e uma das atividades previstas era a oferta de uma disciplina sobre autoetnografia. Em 2022, ofertamos de modo remoto a disciplina intitulada Autoetnografia e formação de professores no antropoceno: desafios e possibilidades. Naquele ano, “não caiu minha ficha” sobre o crescente movimento autoetnográfico no país, mas em 2025, o professor Daniel me convidou para fazer uma nova oferta da disciplina e para nossa surpresa tivemos mais de 22 inscritos de diversas regiões e programas de pós-graduação, demonstrando o crescimento, impacto e desejo de pensar o fazer científico por desangulamentos autoetnográficos e caminhos outros para além das vias já estabelecidas dos modelos eurocentricos, coloniais e positivistas.

RITOS DE COMUNHÃO

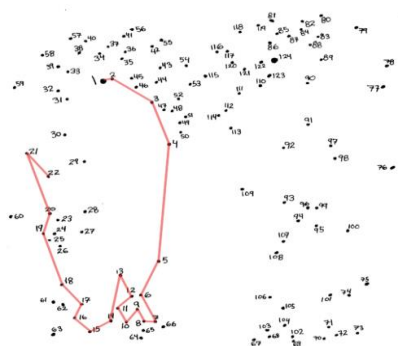
Como já mencionado em um trabalho anterior, sigo concordando com a hipótese levantada por Bochner (2013), enveredar-se pelo caminho autoetnográfico acaba se tornando um modo de vida, uma possibilidade de viver de modo mais colaborativo e cooperativo, como sinalizaram Adam, Ellis e Jones (2015) tanto por meio de testemunhos colaborativos: aqueles que “[...] envolvem a focalização em experiências dos participantes de modo solidário e sustentam um relacionamento profundo e comprometido entre os parceiros de pesquisa.” ou por autoetnografias comunitárias, “nas quais pesquisadores colaboram com membros de uma comunidade para investigar e encontrar respostas para assuntos específicos e, geralmente, de cunho opressivo”. Além dessas modalidades, há as possibilidades chamadas de duo ou trio autoetnografias.

Acrescento, também, que a colaboração ou o espírito comunal não são apresentados apenas no desenvolvimento de um projeto de pesquisa específico, ou por autoetnografias que possibilitam outras gramáticas nas relações entre pesquisadores ou não, abrem espaço para parcerias que poderiam apenas acontecer

por relações hierárquicas ou verticalizadas, mas nas relações que vão se desenvolvendo por aqueles que comungam/compartilham do interesse pela metodologia. Foi pelo interesse em comum pela autoetnografia que pude me aproximar ou conhecer outros colegas, abrindo espaço para diálogos não possíveis anteriormente, como é o caso da organização deste dossiê, do Congresso Brasileiro de Autoetnografia - do qual fui um dos idealizadores com colegas de outras áreas do conhecimento - e, também, na organização de um livro com Luciana Ferrari (Ferrari e Ono, 2024) que não se encaixa em nenhum edital de publicação gratuita pelas editoras das universidades nas quais atuamos.

Assim, voltando à discussão do estilo de vida, entendo que após o desenvolvimento de um trabalho autoetnográfico, minha relação com o fazer científico foi bastante afetada, gozo da sensação de um viver e experienciar sempre buscando ligar os pontos, como naquelas atividades infantis, na qual precisamos fazer ligações para que possamos enxergar o todo (Figura 5), mesmo que o todo seja apenas um micro contexto ao nosso redor e a visão geral ainda bastante limitada.

Fig. 5



Fonte: Original image by Whitney Waller, red lines added, CC BY-SA 2.0, <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.0/>>, via Wikimedia Commons

Embora haja limitações quando faço as conexões, é um fazer atravessado por uma certa disponibilidade e por uma ética, em experiências/vivências nas quais não estou sozinho, mas é sozinho que estou enquanto sinto, sou afetado, penso e reflito. Por este viés, é que acredito que possamos argumentar sobre a crítica da matéria veiculada da BBC rotulando as pesquisas autoetnográfica como selfie acadêmica, é um ato munido de silogismo, é uma responsabilidade ética no encontro com o outro,

transcendendo o “eu” e o “mim”, ancorado na proposição de Levinas (2014, p. 28) ao discorrer sobre a ética da alteridade: “Tenho descrito sempre o rosto do próximo como portador de uma ordem, que impõe ao eu, diante do outro, uma responsabilidade gratuita - e inalienável, como se o eu fosse escolhido e único - e o outro homem é absolutamente outro, isto é, ainda incomparável e, assim, único.”

Assim, ao assumir que precisamos escutar e nos ouvir ouvindo ao mesmo tempo que nos responsabilizamos para e com o Outro nessas ruínas das sociedades contemporâneas, e como diz Tsing, que não me canso de citar: “Nem sempre é bonito, mas é quem somos e o que temos disponível como parceria para uma terra habitável” (Tsing, 2019, p. 23).

Diferentemente de trabalhos ou posturas científicas nas quais a subjetividade do pesquisador deve ser suprimida, a virtuosidade da carga subjetiva apresentada em trabalhos autoetnográficos, nos contempla com a possibilidade de nos reconhecermos e nos sentirmos acolhidos. No meu caso, seja no que se refere à formação de professores de línguas ou sobre o ensino e aprendizagem de língua inglesa. As experiências tecidas nos textos que li, me levam a inferir que independentemente do contexto investigado, a gente se reconhece nas subjetividades apresentadas, confessadas ou timidamente aparentes em cada parágrafo, e.g., nos trabalhos de Merlo (2022) retomei as dificuldades que tive, quando sem experiência alguma, foi professor da Educação Infantil I. Nas autoetnografias de Agra (2021), Magalhães (2023) e Mulik (2021), percebi que as inquietações e incômodos que sentia quando fui professor do Ensino Fundamental e Médio, não eram sentimentos isolados. Assim, acredito que para além da materialidade da investigação científica, a autoetnografia nos permite comungar daquilo que é comum em nós -a subjetividade.

Porém, embora o movimento autoetnográfico no Brasil tenha ganhado mais popularidade e afiliações nos últimos anos, ainda é frágil e pode ser facilmente desmantelado ou banido das práticas científicas, seja pela postura ditatorial, editorial ou no exercício de micropoderes institucionais - é preciso atenção e fortalecimento das colaborações para além da comunhão.

NÃO É UMA HOMILIA

Busquei registrar neste texto, em uma empreitada confessional e de

responsabilidade, um pouco daquilo que vive como autoetnógrafo após uma década, salientando a necessidade de pensar o futuro com ousadia, potencializar saberes que ficariam de fora de uma pesquisa que seguisse a métrica eurocêntrica, abrir espaço para experiências subjetivas, escrever para todos e não só para a uma bolha de pesquisadores, incomodar o sistema e fortalecer a re-existência daquilo que pode ser, do devir. Encarar a ciência sem mais do mesmo, estar atento às possibilidades que enfrentam o racionalismo e o humanismo europeu. Doar-se, ter generosidade e partilhar. Ter coragem para engajar-se em um movimento questionador e ser forte para compreender as construções de sentido que serão feitas. Proporcionar estímulos para outras performances reforço a ideia de *lifestyle* proposto por Bochner (2013).

Para tanto, escolhi utilizar termos advindos do catolicismo, referentes a alguns passos que compõem o ritual de uma missa com o fim de confirmar que nunca estaremos livres daquilo que, mesmo inconscientemente, faz parte de nossas ontoepistemologias. Porém, quando temos coragem, consciência, desejo por um lado, assim como acolhimento, suporte e rede de apoio do outro, podemos enfrentar a luta entre o bem e o mal acadêmico, buscando alternativas na luta por espaço e reconhecimento de saberes outros, saberes muitas vezes suprimidos pelo poder acadêmico, saberes marginais ou recônditos. Contudo, é inegável que é preciso ter coragem, disposição e disponibilidade para o desconhecido (Ono, 2017), pois ainda há uma academia com armaduras medievais, com discursos apaziguadores e acolhedores, reificando os micropoderes ou exercitando o ditado: “Dê o poder a um homem para saber quem ele é”. Que possamos estar atentos e fortes para imaginar o futuro - ainda estamos aqui!

Hoje, por meio do que já vivi e experimentei, ainda acredito que a metodologia/movimento autoetnográfico é um gesto de re-existência no fazer científico tradicional, eurocêntrico, racista, misógino, estrutural, limitador e a serviço da mãos invisíveis do poder (seja ele qual for - institucional, de capital etc), e como diz Souza em entrevista para Zago e Diniz de Figueiredo (2019, p. 6):

Uma interpretação vem a partir de tudo aquilo que você leu e a partir de todas as suas vivências acadêmicas, biográficas, particulares também, e tudo o que você vivenciou durante essas leituras. Eu só posso me responsabilizar pelas minhas leituras, não pelas teorias que eu cito.

Termino, então, esta reflexão com o funk de Mc Hariel intitulado Funk Superação

(2024) e sugiro que onde se lê funk, ousemos trocar por Autoetnografia e nos permitamos pensar sobre as linguagens, sobre as pesquisas e sobre os poderes.

Sempre viciado nas madrugadas
Pra quem fala demais, silêncio é dor
Que o silêncio vale mais que ouro
A palavra mal colocada
Coloca em cheque todo seu tesouro
Coloca a peita de time
Dribla as adversidades
Só golaço na maldade
Bater de frente é loucura
Desde menor nunca tive juízo
De vez em quando noção até tinha
Mas nunca tive medo do perigo
Sempre amante dessa adrenalina
Sempre fui fã do Neguinho do Kaxeta
Vejo que as letras do mestre inspira

Funk na caixa é o que pede paz
Balança a favela e faz mudar de vida
Nas andanças dessa vida
Eu não tô de bobeira
Na esquina, na loucura
Ou até se eu tiver careta
É que o funk pra mandar
Tem que saber usar as palavras
Pra tocar na minha ou então
E nas andanças dessa vida
Eu não tô de bobeira
Na esquina, na loucura
Ou até se eu tiver careta
É que o funk pra mandar
Tem que saber usar as palavras

REFERÊNCIAS

ADAMS, Tony. **Autoethnography, performance, and personal experience: contemplating the limits of artificial intelligence**. Text and Performance Quarterly, 2025. <https://doi.org/10.1080/10462937.2024.2449078>.

ADAMS, Tony; HERMANN, Andrew. **Expanding Our Autoethnographic Future**. Journal of Autoethnography, Vol. 1, Number 1, pp. 1–8, 2020. <https://doi.org/10.1525/joae.2020.1.1.1>

Adams, Tony; ELLIS, Carolyn; JONES, Stacy Holman. **Autoethnography**. In *The International Encyclopedia of Communication Research Methods*, edited by J. Matthes, C. S. Davis, and R. F. Potter, 1–11. New York, NY: John Wiley & Sons, Inc. <https://doi.org/10.1002/9781118901731.iecrm0011>

ADAMS, Tony; JONES, Stacy Holman; ELLIS, Carolyn. *Autoethnography*. Nova York: Oxford University Press, 2015.

AGRA, Christiane **Batinga. Formação com Professores de Língua Inglesa e Decolonialidade: Reflexões de uma Docente Pesquisadora em um Estudo Autoetnográfico**. 2023. 130 p. Tese (Doutorado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió 2021.

AZOULAY, Ariella A. 2024. **História potencial: Desaprender o imperialismo**. São Paulo: Ubu Editora. BBC

BASONI, Isabel C. G; **Espelho, espelho meu, que professora sou eu? reflexos e refrações sobre a formação do professor de língua portuguesa e os novos**

letramentos em um estudo autoetnográfico. Tese de doutorado. Universidade Federal do Espírito Santo, 2022.

BEZERRA, Selma Silva. Um estudo autoetnográfico em aulas de língua inglesa no ensino médio: reflexões sobre (de)colonialidades, prática docente e letramento crítico. 2019. 194 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Publicada por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias Salt Lake City, Utah, EUA, 2015.

BOCHNER, Arthur P. Putting meanings into Motion: Autoethnography's Existential Calling. In: JONES, Stacy; ADAMS, Tony E; ELLIS, Carolyn. *Handbook of Autoethnography* (orgs.). Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2013.

CARMAGNANI, Anna Maria G. A escrita como recusa da imobilidade: o autor e a política da criação de si. In: ECKERT-HOFF, Beatriz; CORACINI, Maria José (org.). *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010. P. 67-76

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. 21^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Sociología de la Imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina.** Buenos Aires: Tinta Limón, 2015

DELEUZE, Gilles. **¿Que és un dispositivo?** In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

DOSSE, François. **O Império do sentido: a humanização das Ciências Humanas.** Bauru, SP: EDUSC, 2003

FADINI, KARINA ANTONIA. **Autoetnografia e processos de subjetificação em educação linguística: (trans)formações de uma professora de inglês.** Orientador: Prof. Dr. Daniel de Mello Ferraz. 2020. 265 p. Tese (Doutora em Linguística) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória, ES, 2020.

FERRARI, Luciana; ONO, Fabrício T. P. (orgs). **Pensando o mundo a partir da deficiência: narrativas de dentro pra fora.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. Ferraz, Daniel de Mello; ONO, Fabrício T. P. **Discursos, Letramentos e Formação com Professores em tempos de Influenciadores Digitais.** In: Micheline Mattedi Tomazi e Ariel Sessa. (Org.). *Discursos Contemporâneos: Saúde, Educação, Política E Interseccionalidades*. 01ed.Campinas: Pontes, 2023, v. 01, p. 61-84.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 29ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALE, Ken; WYTT, Jonathan. **Autoethnography and Activism: Movement, Intensity, and Potential**. *Qualitative Inquiry*, 25(6), 566-568, 2018.
<https://doi.org/10.1177/1077800418800754>

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Giachini, Enio Paulo. 2. 2017. Vozes, Petrópolis: 128

JAMES, Bridle. **A nova idade das trevas: a tecnologia e o fim do futuro**. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2019.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. - São Paulo : Ática, 2014.

KEHL, Maria Rita. **Bovarismo Brasileiro**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

LEANDER, Kevin; BOLDT, Gale, G. **Rereading “A Pedagogy of Multiliteracies”: Bodies, Texts, and Emergence**. *Journal of Literacy Research*, 45(1), 22-46., 2023.
<https://doi.org/10.1177/1086296X12468587>

LEVINAS, Emanuel. **Violência do rosto**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MAGALHÃES, Joyce Rodrigues da Silva. **Práticas decoloniais na formação inicial de professores de inglês: reflexões autoetnográficas de uma professora-formadora**. 2024. 267 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2023.

MC Hariel. **Funk Superação**. Participação de MC Neguinho do Kaxeta e MC Leozinho ZS. 2024. Disponível em <https://www.letras.mus.br/mc-hariel-sp/funk-superacao-part-mc-neguinho-do-kaxeta-e-mc-leozinho-zs/>. Acesso em 31 de janeiro de 2025.

MERLO, Marianna C. R. **Autoetnografia, Infâncias e Decolinialidades em (Trans)formação**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Espírito Santo, 2022.

MULIK, Katia Bruginski. **Letramentos (auto) críticos no ensino de língua inglesa no ensino médio: uma pesquisa autoetnográfica**. 2021. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
doi:10.11606/T.8.2021.tde-31012022-211124. Acesso em: 2025-01-31.]

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia da ciência**. tradução Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ONO, Fabrício Tetsuya Parreira. **A formação do formador de professores: uma pesquisa autoetnográfica na área de língua inglesa**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e

Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
doi:10.11606/T.8.2017.tde-12052017-153239. Acesso em: 2025-01-31.

PATHAK, Archana. **Musings on Postcolonial Autoethnography**. In: JONES, Stacy; ADAMS, Tony E; ELLIS, Carolyn. *Handbook of Autoethnography* (orgs.). 1ª edição. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2013.

PENNYCOOK, Alstarir. **Uma lingüística aplicada transgressiva**. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.

PEREZ, Rodrigo. **O que está acontecendo nas universidades brasileiras?** *Revista Fórum*, 2024. Disponível em:
<https://revistaforum.com.br/opiniaio/2024/10/21/que-esta-acontecendo-nas-universidades-publicas-brasileiras-por-rodrigo-perez-167820.html>. Acesso em 31 de janeiro de 2025.

PICKLES, Matt. **'Selfie acadêmica': Os pesquisadores que usam a si mesmos como base de estudos**. BBC News Brasil, 2017. Disponível em
<https://www.bbc.com/portuguese/geral-40006132> Acesso em 31 de janeiro de 2025.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad y modernidad/racionalidad**. En *Los conquistados. 1492 y la población indígena de las América*. In: BONILLA, Heraclio (compilador). Quito: Tercer Mundo-Libri Mundi Editors, 1992. p. 447.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento**. São Paulo: Editora 34, 1996.

ROCHA, Danielle R. M. **Escritas de si: Narrativas autobiográficas como práticas de letramento racial crítico no ensino médio**. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Letras. UFPR, 2024.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória o esquecimento: seis ensaios da história das ideias**. Editora Unesp, 2010.

SMITH, Linda T. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas**. Trad. Roberto G. Barbosa. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

SOUZA, Lynn Mario T. M. de; **Multiliteracies & Transcultural Education**. In: GARCIA, Ofelia; FLORES, Nelson; SPOTTI, Massimiliano. *The Oxford Handbook of Language and Society*. Oxford University Press, 2016.

SOUZA, Lynn Mario T. M. de; DUBOC, Ana Paula M. **De-universalizing the decolonial: between parentheses and falling skies**. *Gragoatá*, 26(56), 876-911, 2021. <https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i56.51599>

SOUZA, Lynn Mario M. de, MARTINEZ, Juliana. Z; DINIZ DE FIGUEIREDO, Eduardo. H. (2019). **"EU SÓ POSSO ME RESPONSABILIZAR PELAS MINHAS LEITURAS, NÃO PELAS TEORIAS QUE EU CITO"**: entrevista com Lynn Mario

Trindade Menezes de Souza (USP). *Revista X*, 14(5), 05–21, 2019.
<https://doi.org/10.5380/rvx.v14i5.69230>

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**.
Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

ŽIŽEK, Slavoj. **O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política**. Tradução: Luigi Barichello. São Paulo: Editora: Boitempo, 2016.

Sobre o autor

Fabício Tetsuya Parreira Ono

Graduado em Letras- Português/Inglês, Mestre em Estudos Linguístico pela UNESP/IBILCE, Doutor em Letras pela USP. Professor do curso de Letras - Português/Inglês e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS, campus de Três Lagoas. Atualmente, suas pesquisas estão focadas na formação de professores pelo viés autoetnográfico, internacionalização do ensino superior, sociedade e redes sociais pela perspectiva decolonial.